

COSTA, B. D. S. Conectores de finalidade no português: da norma gramatical ao uso linguístico. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. [www.revel.inf.br].

## **CONECTORES DE FINALIDADE NO PORTUGUÊS: DA NORMA GRAMATICAL AO USO LINGUÍSTICO**

*Purpose connectors in Portuguese: from grammatical norm to linguistic use*

**Brenda da Silva Souza da Costa<sup>1</sup>**

brendasouza045@gmail.com

**RESUMO:** A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente artigo tem como objetivo analisar o tratamento gramatical dado aos conectores de finalidade, de modo a observar os possíveis contrastes entre o uso linguístico e a norma gramatical. Ao verificar gramáticas tradicionais e gramáticas para concursos e comparar com dados de uso, notamos que há divergências na descrição dos elementos que geralmente encabeçam orações subordinadas adverbiais de finalidade. Para a análise, selecionamos para compor o *corpus* redações nota mil do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), isto é, textos avaliados como excelentes do ponto de vista gramatical e inseridos em um contexto escolar, o que configura uma situação de uso formal da língua, mas, como observamos, que não atende à totalidade daquilo que preceituam gramáticos tradicionais brasileiros. A partir da análise das amostras de redações dos anos de 2018, 2019 e 2020, notamos a produtividade dos conectores *com o fito de*, *com o/nô intuito de*, *com o objetivo de*, *com a finalidade de* e *com o propósito de*, indicando a noção de propósito/fim na proposta de intervenção na conclusão. **PALAVRAS-CHAVE:** conectores; finalidade; ensino de língua portuguesa; Linguística Funcional Centrada no Uso.

**ABSTRACT:** From the theoretical and methodological assumptions of the Usage-Based Linguistics, this article aims to analyze the grammatical treatment given to the purpose connectors, in order to discern the possible contrasts between the linguistic use and the grammatical norm. As soon as we verify traditional grammar and grammar for contests and we compare them with language usage data, the conclusion seems to be that there are differences in the grammar terms descriptions that generally introduce the clauses of purpose. For analysis, we sorted out fully qualified essays from the Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), i.e., some texts evaluated as excellent ones from a grammatical viewpoint and placed in a school context, which requires a formal use of language but do not follow the totality of the Brazilian traditional grammarians' assumptions. By analyzing 2018, 2019, and 2020's writing samples, we notice a bunch of connectors like *com o fito de*, *com o/ no intuito de*, *com o objetivo de*, *com a finalidade de* and *com o propósito de* to show the notion of purpose in the intervention part of the conclusion.

**KEYWORDS:** connectors; finality; Portuguese Language teaching; Usage-Based Linguistics.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Docente da Rede Pública de Ensino de Maricá e Araruama-RJ.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo integra uma agenda de pesquisas em andamento no Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO)<sup>2</sup>, com sede na Universidade Federal Fluminense (UFF). O CCO, a partir de uma orientação funcionalista, possui como interesse principal investigar os diferentes conectivos e mecanismos de conexão de orações na língua portuguesa. No Grupo, diversos pesquisadores<sup>3</sup> têm estudado microconstruções conectoras instanciadas pelos subesquemas [Adv de]<sub>connect</sub> e [Prep [det] N de]<sub>connect</sub>, as quais, por sua vez, submetem-se ao esquema [X de]<sub>connect</sub>.

Tal esquema tem se mostrado muito produtivo na língua portuguesa, o que levou pesquisadores do Grupo a procurar rastrear os possíveis conectores<sup>4</sup> vinculados e a tentar construir um panorama descritivo-analítico completo do esquema mencionado. Nesse sentido, nossas análises visam a contribuir com essas investigações, observando as possíveis microconstruções de valor final ensejadas pelo subesquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub> na atual sincronia do português.

Mais especificamente neste trabalho, pretendemos analisar, sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a divergência entre o que é apontado por algumas gramáticas tradicionais do português, algumas gramáticas preparatórias para concurso e o uso linguístico acerca da expressão da finalidade na língua portuguesa, por meio de conectores.

Nossa hipótese é que as microconstruções finais **com o fito de, com o/no intuito de, com o objetivo de, com a finalidade de e com o propósito de**, instanciadas pelo subesquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub>, tomam como base o esquema [X de]<sub>connect</sub> (cf. Rosário; Souza, 2021), formando-se, no eixo paradigmático, a partir da analogização (cf. Traugott; Trousdale 2013) e, no eixo sintagmático, por *chunking* (cf. Bybee 2010), através da neoanálise dos elementos que compõem tais conectores (cf. Traugott; Trousdale 2013).

Assim, para além dos conectores de finalidade tradicionalmente elencados nas gramáticas, a saber, “para que”, “a fim de”, “porque” e “que” (no sentido de “para que”) (Cunha; Cintra 2006; Bechara 2009; Rocha Lima 2010), teríamos outras possibilidades de uso, como atestado no *corpus* selecionado, composto por 99 (noventa e nove) textos de alunos de nível médio, candidatos ao ensino superior

<sup>2</sup> <http://cco.sites.uff.br>. Acesso em: 20/03/2022.

<sup>3</sup> (Rosário; Novo 2018); (Rosário; Santos 2020); (Novo 2020); (Machado 2022).

<sup>4</sup> Entendemos o termo *conector* como: “marcador especial que indica a natureza das conexões interoracionais” (Langacker 1987: 423-424).

através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mais à frente, esse ponto será melhor discutido.

Acerca da organização deste artigo, salientamos que está organizado em quatro seções. Na primeira seção, a seguir, fazemos uma breve revisão da literatura de algumas obras tradicionais e para concursos que abordam conectores de finalidade. Posteriormente, na seção 2, sintetizamos alguns pressupostos teórico-metodológicos que balizam nosso estudo e, em seguida, na seção 3, apresentamos a discussão sobre os dados analisados. Por fim, na seção 4, elencamos algumas considerações finais.

## **1. REVISÃO DA LITERATURA**

Nesta seção, fazemos uma breve revisão das obras tradicionais e de gramáticas para concursos que abordam conectores de finalidade. Para tanto, primeiramente, selecionamos três gramáticas tradicionais, de autores reconhecidos por seu trabalho normativo: Cunha e Cintra (2006), Bechara (2009) e Rocha Lima (2010). Nessas obras, analisamos tanto os capítulos sobre as conjunções subordinativas como os que abordam as orações subordinadas adverbiais finais, nos quais, de modo geral, é possível encontrar discussões sobre a expressão da finalidade.

Quanto às gramáticas para concurso, ressaltamos que possuem, declaradamente, uma abordagem muito próxima das gramáticas tradicionais, uma vez que as provas para as quais preparam os candidatos exigem o entendimento da norma padrão nas questões. No entanto, o intuito de tais obras, por ser bastante específico (ajudar na preparação de candidatos para concursos), permite extrapolar o que diz a norma. Sendo assim, os autores organizam suas gramáticas a partir do que vem sendo cobrado nas provas e, provavelmente, usos distintos da norma padrão podem estar aparecendo nos textos presentes nessas avaliações.

O principal objetivo da análise das abordagens dos gramáticos selecionados é observar as diferenças de tratamento do tema e fazer uma comparação, na discussão, com os dados coletados.

## 1.1 GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Nesta subseção, examinamos algumas obras gramaticais de autores vinculados à abordagem tradicional. Vale ressaltar que os principais gramáticos de nosso país seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que foi estabelecida em 1959, com o objetivo de determinar uma terminologia única para nossas gramáticas (Baldini, 1999: 7). Portanto, não é surpresa que não haja grandes diferenças entre os autores que vamos analisar. Vale mencionar ainda que, pela necessidade de objetividade deste trabalho, não será possível descrever o que é dito sobre o assunto em outras gramáticas tão importantes quanto essas.

A seguir, vejamos o que dizem os autores selecionados.

Cunha e Cintra (2006: 404), em sua “Breve Gramática do Português Contemporâneo”, ao falar das orações subordinadas adverbiais, propõem uma classificação baseada no valor semântico da conjunção subordinativa. Os exemplos apresentados pelos autores (apenas um exemplar para cada tipo de oração subordinada adverbial) trazem conjunções prototípicas: nas causais, apresentam “porque”; nas concessivas, “mesmo que”; nas condicionais, “se”. As referências das frases indicam que são casos retirados de obras literárias, de autores como Fernando Pessoa, Machado de Assis etc., o que já demonstra que são dados retirados de um contexto de uso bastante específico – a produção literária de autores clássicos.

No que diz respeito às orações adverbiais finais, os autores trazem a locução conjuntiva *para que*, citando um trecho da obra de José Lins do Rego: “Viera um vestido de Marta, **para que a vestissem com ele**” (Cunha; Cintra 2006: 404, grifo dos autores). Não há maiores explicações ou detalhamentos sobre esse subtipo de oração adverbial pelos gramáticos.

Bechara (2009: 571-572), em “Moderna Gramática Portuguesa”, ao tratar do período composto por subordinação, divide as chamadas “orações complexas de transposição adverbial” em dois subtipos. No primeiro grupo enquadra as “subordinadas adverbiais propriamente ditas”, isto é, aquelas que, segundo o autor, exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem, portanto, ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial). São essas: as adverbiais de “tempo, lugar, modo (substituíveis por advérbio)” e “causa, concessão, condição e fim (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos

nominais introduzidos pelas respectivas preposições)”. No segundo grupo, estão as subordinadas comparativas e consecutivas.

Ao falar sobre as adverbiais finais, o autor indica que estas ocorrem “quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso” na oração principal (Bechara 2009: 607). Ele destaca as locuções conjuntivas: “para que”, “a fim de que”, “porque” e “que” (no sentido de “para que”). Os exemplos estão destacados a seguir:

*Saíram para que pudessem ver o incêndio.  
Reclamou a fim de que o nomeassem.  
Trabalhou porque fosse promovido.  
Falta pouco que isto suceda. (Bechara 2009: 607).*

Nesse sentido, ao observar os exemplos apresentados pelo autor e o destaque das quatro conjunções/locuções conjuntivas, já é possível perceber um detalhamento maior do que o observado em Cunha e Cintra (2006), porém sem ainda mencionar outras locuções conjuntivas finais identificadas no uso linguístico, como “com o objetivo de” e “com o intuito de”, como mostraram Rosário e Souza (2021) e como pretendemos analisar também neste trabalho.

Rocha Lima (2011: 238), na “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”, indica as mesmas conjunções subordinativas adverbiais finais que Bechara (2009): “para que, a fim de que, porque e que” (no sentido de “para que”). Para o autor, as orações subordinadas adverbiais assim se denominam porque, por serem equivalentes a um advérbio, figuram como adjunto adverbial da oração a que se subordinam. Tais orações podem aparecer em sua forma desenvolvida, começando por uma conjunção subordinativa (exceto a conjunção integrante), ou reduzida, aceitando as formas “infinitiva, gerundial e participial” (Rocha Lima 2011: 241).

Dentre as desenvolvidas, o autor destaca o aparecimento de verbo no subjuntivo após as conjunções. Vejamos:

*Simulou doença, / para que o deixassem sair.  
Trabalha muito, / a fim de que nada falte a família.  
Insisto / que me digas a verdade.  
Porque (= para que) venças esse teu orgulho, / e preciso muita humildade.  
(Rocha Lima 2011: 252).*

Ao assinalar o subjuntivo como uma característica que acompanha as orações subordinadas adverbiais finais, Rocha Lima (2011) demarca um fator não destacado como relevante pelos demais autores tradicionais investigados neste trabalho.

Contudo, ao analisar as três abordagens, percebe-se que nenhum deles chega a mencionar a possibilidade de expressão da finalidade por conectores como **com o fito de, com o/no intuito de, com o objetivo de, com a finalidade de e com o propósito de**.

Na subseção 2.2, veremos o que dizem alguns autores de gramáticas para concursos.

## 1.2 GRAMÁTICAS PARA CONCURSOS

Nesta subseção, analisamos três obras gramaticais identificadas com um objetivo específico: auxiliar candidatos para concursos no aprendizado da norma gramatical cobrada em provas.

Por ser o Exame Nacional do Ensino Médio uma espécie de concurso, isto é, uma prova que avalia as habilidades do estudante, de modo que o resultado (a nota) torna possível ou não o acesso ao ensino superior em determinadas universidades, consideramos relevante investigar o que dizem autores voltados para esse público acerca da expressão da finalidade. Vejamos:

Bezerra (2010), na obra “Nova gramática da Língua Portuguesa para concursos”, ao tratar das conjunções subordinativas, as quais ele também chama de “circunstanciais”, identifica as finais como aquelas que “estabelecem uma relação de fim (finalidade) com a ideia principal do período”, sendo elas: “que (= para que), porque (= para que), para que, a fim de que” (Bezerra 2010: 359-360).

A seguir, estão os exemplos apresentados pelo autor:

Fizemos tudo **para que** ele fosse aprovado em um concurso.  
“Tu que as gentes da terra tudo enfreias, **que** não passem o termo limitado.”  
(Camilo C. Branco)  
Estudai **porque** sejais logo aprovado em um concurso. (Bezerra 2010: 360, grifos nossos).

Ao observar os exemplos e as conjunções identificadas pelo autor (“a fim de que”, “para que”, “que” e “porque”), notamos que não há diferenças em relação à abordagem tradicional identificada em Cunha e Cintra (2006), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), como vimos na subseção 2.1.

Já Pestana (2013), na obra “A Gramática para Concursos Públicos”, diferentemente dos autores tradicionais analisados e de Bezerra (2010), indica diversas outras locuções adverbiais com valor de finalidade. Ao tratar das locuções prepositivas, o autor destaca que tal grupo de palavras, normalmente formado por

advérbio + preposição (“longe de, perto de, além de” etc.) ou preposição + substantivo/advérbio + preposição (“a par de, por detrás de, em frente a” etc.), frequentemente inicia adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

No rol das locuções prepositivas com sentido de finalidade, a lista do autor não é pequena. Ele destaca: “a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de” (Pestana 2013: 679).

Vejam alguns exemplos do autor:

Estou estudando **para que** eu melhore a vida.

**A fim de que** as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.

Ore **porque** não caia em tentação.

Viaja sempre à janela do ônibus **de maneira que** pegue uma brisa.  
(Pestana 2013: 728, grifos do autor).

A abordagem de Pestana (2013), portanto, é muito mais identificada com as possibilidades de uso linguístico, isto é, com as variadas formas de expressão do sentido de finalidade. Apesar de listar as locuções conjuntivas adverbiais prototípicas (“a fim de que, para que, porque”), o autor acrescenta diversas outras possíveis codificações para a ideia de propósito/fim.

Rosenthal (2013) também possui uma abordagem interessante. Na “Gramática para concursos”, ao falar das conjunções subordinativas, ele ressalta que as finais introduzem sempre uma ideia de finalidade, objetivo. Segundo o autor, todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra “objetivo”. Para comprovar, ele cita os seguintes exemplos:

Vim aqui *para que* (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

João deve estudar *a fim de que* (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso. (Rosenthal 2013: 194).

Nesses exemplos, é interessante notar que o autor chega a sugerir a “troca” das conjunções prototípicas “para que” e “a fim de que” por “com o objetivo de que” como procedimento didático para verificar a relação de sentido de finalidade/objetivo.

Rosenthal (2013: p. 194) também menciona ainda que inclusive a conjunção “porque” pode significar “para que, a fim de que, com objetivo de que, de tal sorte que”, indicando finalidade. Nesse ponto, é interessante notar que a troca sugerida

não é apenas por “para que”, como sugeriram Bezerra (2010), Rocha Lima (2011) e Bechara (2009).

Tratando mais especificamente do uso de “para”, como termo que costuma estabelecer a noção de finalidade, o autor cita a frase de Arnaldo Jabor: “... isso foi bom **para** amenizar o ideologismo que nos cegava” (Rosenthal 2013: 365, grifo do autor). Nesse trecho, ele ressalta que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de finalidade e propõe novamente a troca por expressões como “a fim de, com o objetivo de, com a finalidade de”, para verificar o sentido de finalidade. Como se pode notar, Rosenthal (2013) já identifica que a lista de expressões conectoras finais é bem maior do que o que geralmente se elenca em outras gramáticas tradicionais e para concursos.

Como vimos, quase todos os autores de gramáticas para concursos investigados já apresentam certas diferenças em relação aos gramáticos vistos na subseção 1.1 no que diz respeito aos conectores de finalidade. Na seção de discussão, veremos como as ideias dos gramáticos se aproximam ou se afastam dos dados de uso coletados.

A seguir, passaremos aos pressupostos teórico-metodológicos.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Nesta seção, abordaremos alguns dos principais aspectos da teoria que embasa este trabalho. Na primeira subseção, descrevemos a Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem teórica que subsidia nossas análises. Nesta atual vertente funcionalista, a abordagem construcional da gramática orienta nossa concepção sobre a constituição da língua e, por consequência, o modelo de análise dos dados de uso linguístico. Em seguida, em subseção própria, explicamos os procedimentos metodológicos adotados.

### **2.1 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma vertente de estudos linguísticos que reúne pressupostos teórico-metodológicos do chamado Funcionalismo Clássico, nos modelos de Talmy Givón, Paul Hopper, Christian Lehmann e outros, e da Linguística Cognitiva, na linha de autores como Adele Goldberg, William Croft, George Lakoff, Ronald Langacker, entre outros.

A partir da década de 1970, nos Estados Unidos, como uma reação às abordagens estritamente formalistas, ganham relevância os estudos que compreendiam a língua como um instrumento de interação social – nasce, assim, o chamado Funcionalismo Clássico norte-americano<sup>5</sup>. A língua passa a ser investigada a partir dos contextos efetivos de comunicação, considerando que há sempre uma constante interação entre gramática e discurso, de modo que a primeira está em constante mudança em consequência das vicissitudes do segundo.

Trata-se, portanto, de uma teoria de natureza indutiva, isto é, busca-se chegar a generalizações sobre as construções da língua observando os dados reais de uso linguístico, flagrados em uma situação de interação discursiva.

De forma cada vez mais frequente, tem ocorrido uma aproximação entre a Linguística Funcional Clássica norte-americana e a Linguística Cognitiva, especialmente via Gramática de Construções (GC), no âmbito do que chamamos LFCU. A partir dos pressupostos compartilhados pelas duas vertentes teóricas, como “rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação [...]” (Furtado da Cunha; Bispo e Silva 2013: 14), a LFCU promove análises que levam em conta fatores como frequência de uso, inferências pragmáticas, moldagem das estruturas linguísticas nos diferentes contextos de uso etc., sempre considerando dados do uso, isto é, retirados de *corpora* com exemplares de fala ou escrita.

Na chamada abordagem construcional da gramática, de viés cognitivo-funcional, a língua possui como unidade básica a construção. Nessa visão, considera-se que as línguas são redes de construções, de modo que novos elos e novos nós emergem continuamente a partir de pressões de usos linguísticos.

Goldberg (1995) é uma das principais autoras que defendem que as construções são as unidades básicas da língua. A autora define a construção como um

---

<sup>5</sup> Tem sido denominada, comumente, Linguística Funcional Clássica norte-americana a vertente de estudos funcionalistas das décadas de 70 e 80 dos Estados Unidos, que surge em reação à proposta gerativista. Nesse ínterim, o Funcionalismo se apresenta como um modelo de análise que defende a importância do uso linguístico. Nesses estudos de fase inicial, que remontam à concepção de gramaticalização, é marcante o privilégio da pesquisa de itens isolados, com foco nos seus aspectos funcionais ou na sua trajetória. Além disso, nesses estudos, ainda que se fizesse menção à importância dos aspectos contextuais, essa referência não era acompanhada por uma especificação, de fato, das propriedades do contexto em que determinado item é usado e de seu papel em relação aos aspectos do sentido e da forma (Rosário; Oliveira 2016).

pareamento de forma e significado. A codificação dos sentidos das construções se relaciona a eventos básicos e recorrentes, por isso, solidificam-se na memória do usuário em função da rotinização, isto é, da frequência de seu uso.

Para Langacker (1987), Croft (2005) e Traugott e Trousdale (2013), outros autores que também se alinham a essa abordagem construcional da gramática, as construções são unidades simbólicas convencionais. A seguir, vejamos como esses últimos autores explicam com mais detalhes tal definição:

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades na medida em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg 1995) ou tão frequente (Goldberg 2006) que o signo está entrincheirado como um pareamento de forma-significado na mente do usuário da língua (Traugott; Trousdale 2013: 1, tradução nossa)<sup>6</sup>.

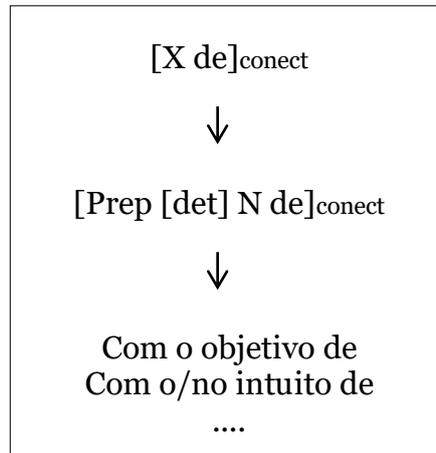
Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), ao estudar a língua, portanto, o foco de estudos deve estar centrado nas construções, mais especificamente na mudança linguística das construções. De acordo com os autores, a análise da mudança pode ocorrer sob dois diferentes enfoques: a construcionalização e a mudança construcional. A construcionalização se dá com a criação de um novo par forma-significado, já a mudança construcional ocorre quando apenas uma dimensão da construção - a forma ou significado- é afetada. Nesse último caso, não há, ainda, a criação de um novo nó na rede de construções.

Traugott e Trousdale (2013) destacam três propriedades essenciais das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade relaciona-se à abstratização: quanto mais esquemática é uma construção, maior é o seu grau de abstração. Para Rosário e Oliveira (2016: 10), “há construções bastante esquemáticas e abstratas, como há construções pouco ou medianamente esquemáticas. Tal gradiência tem a ver com os níveis de generalidade ou especificidade da construção”. Nessa perspectiva, as construções são analisadas conforme o seu grau de esquematicidade na rede hierárquica.

Vejamos como a esquematicidade se ilustra na rede hierárquica dos conectores de finalidade elaborada por Rosário e Souza (2021):

---

<sup>6</sup>“Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user” (Traugott; Trousdale 2013: 1).



**Esquema 1:** Rede dos conectores de finalidade instanciados pelo esquema [X de] na língua portuguesa, segundo Rosário e Souza (2021: 17)

Acerca da rede hierárquica de construções, que constitui o sistema linguístico, segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções podem ser distribuídas nos seguintes níveis: esquema, subesquema e microconstrução, chegando ao constructo (dado empiricamente comprovado no uso).

No nível mais alto da rede, no esquema 1 acima, observamos o esquema [X de]conect, que instancia diversos outros conectores no português, como “além de”, “longe de”, “perto de”, “em vez de”, “em lugar de” etc. (cf. Machado 2022, Novo 2020, Rosário; Santos 2018). Em um nível logo abaixo na hierarquia construcional, observamos o subesquema [Prep [det] N de]conect, que, por sua vez, permite a formação de conectores como “com o objetivo de” e “com o/no intuito de”. Como mostram as reticências, essas microconstruções não fazem parte de uma lista fechada, mas são apenas alguns exemplos. No *corpus* analisado neste trabalho, observamos outros conectores além desses, como veremos mais detalhadamente na discussão.

Outro fator destacado pelos autores é a produtividade, que está diretamente relacionada aos fatores de frequência (*type* e *token*). Os autores destacam que “a rotinização e a automatização [...], resultantes do uso frequente e da repetição, são fatores-chave”<sup>7</sup>. Acerca da produtividade das microconstruções de valor final encontradas no *corpus* analisado, sintetizamos os principais resultados na tabela a seguir:

<sup>7</sup> “[...] routinization, automatization [...] resulting from frequent use and repetition are key factors” (Traugott; Trousdale 2013: 18).

<i>TYPES</i>	<i>TOKENS</i>
<b>Com o fito de (que) x</b>	12
<b>Com o/no intuito de x</b>	10
<b>Com o objetivo de x</b>	06
<b>Com a finalidade de x</b>	05
<b>Com o propósito de (que) x</b>	02
TOTAL:	<b>35</b>

**Tabela 1:** Frequência *token* dos *types* de finalidade

Na tabela 1 acima, sintetizamos os resultados quantitativos dos cinco *types* (microconstruções) de valor final encontrados no *corpus*. O mais frequente foi **com o fito de (que) x**, com 12 (doze) ocorrências, seguido por **com o/no intuito de x**, com 10 (dez) ocorrências. Na sequência, **com o objetivo de x** apresentou 6 (seis) dados e **com a finalidade de x**, 5 (cinco) dados. Por fim, **com o propósito de (que) x** apresentou apenas 2 (dois) dados. Todos os dados coletados atuavam como conectores oracionais.

Quanto à terceira propriedade, a composicionalidade, cabe ressaltar que está relacionada diretamente ao grau de transparência entre o elo da forma e do significado. Se uma construção já está convencionalizada, isto é, se já houve construcionalização, há menor transparência na correspondência entre o significado das partes e a forma. Mais à frente, na discussão, esse conceito será melhor explorado na análise.

Outro autor que integra a chamada abordagem construcional da gramática e merece nossa atenção é Croft (2001). Em sua “Gramática de Construções Radical”, ele afirma que as construções são unidades simbólicas que devem ser compreendidas pela correspondência entre forma – propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas – e sentido – propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Para Croft (2001), os polos da forma e do sentido são interligados por um link de correspondência simbólica. Portanto, ao descrever uma construção, é necessário levar em conta todas essas propriedades.

Em nossas análises, seguindo Croft (2001), procuramos examinar não somente os aspectos formais da construção, tais como os fatores morfossintáticos de

sua composição, mas também damos importância aos fatores semânticos, pragmáticos e discursivos.

Na próxima subseção, destacamos os procedimentos metodológicos adotados.

## 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como foi exposto nas considerações iniciais, os objetivos centrais deste trabalho são observar os possíveis contrastes entre o uso linguístico e a norma no tratamento dos conectores não canônicos de finalidade e promover uma análise dos conectores encontrados com base na LFCU. Para tanto, o método adotado será o misto, o qual equaciona a análise quantitativa, com foco na produtividade, à análise qualitativa, buscando interpretar as ocorrências atentamente. A abordagem será sincrônica, uma vez que os dados coletados são deste século.

A respeito do *corpus* utilizado, vale ressaltar que se trata de uma situação de uso linguístico escolar, mais especificamente, a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que se apresenta em um contexto de uso monitorado da língua, escrito estrategicamente para alcançar uma determinada nota para ingresso em uma universidade.

Segundo a Cartilha do Participante, material elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), na redação, o candidato deve produzir

[...] um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto. Essa proposta deve respeitar os direitos humanos (BRASIL 2020: 7).

Mais especificamente acerca da proposta da intervenção, a Cartilha ressalta que “propor uma intervenção para o problema apresentado pelo tema significa sugerir uma iniciativa que busque enfrentá-lo” (BRASIL 2020: 25). Além disso, acrescenta uma série de perguntas que devem ser respondidas pelo candidato ao elaborar a proposta solicitada:

- 1) O que é possível apresentar como solução para o problema?
- 2) Quem deve executá-la?
- 3) Como viabilizar essa solução?
- 4) Qual efeito ela pode alcançar?**
- 5) Que outra informação pode ser acrescentada para detalhar a proposta? (Brasil 2020: 26, grifo nosso).

Nesse ponto, ao escrever sobre o efeito a ser alcançado com a proposta é que, em geral, aparece a noção de finalidade/propósito/objetivo: o estudante organiza sua proposta, sugerindo uma ação a ser executada por um determinado órgão ou pessoa, explica como isso se dará e, por fim, explica o efeito a ser alcançado com tal ação. Nesse momento, geralmente aparecem os conectores de finalidade: “para que”, “a fim de que”, “com o fito de”, “com o/no intuito de”, “com o objetivo de” etc.

Elaboramos nosso *corpus*, então, a partir da “Cartilha Redação a Mil”, organizada por Lucas Felpi (2019; 2020; 2021), que foi constituída por meio do compilado de diversas redações nota mil no ENEM de 2018, 2019 e 2020. Essa cartilha tem sido organizada todos os anos desde 2019, algum tempo depois da divulgação das notas dos estudantes. Segundo o organizador, “ela foi produzida a partir da união espontânea desses estudantes a fim de ajudar outros, [...] com o intuito de servir de inspiração e exemplo para a evolução textual de futuros vestibulandos” (Felpi 2019: 1).

Essa é uma cartilha que nasceu em 2019, elaborada por 31 alunos nota 1000 do Enem 2018, continuada em 2020, com 44 notas 1000 do Enem 2019, e perpetuada hoje com mais 24 estudantes nota 1000 do Enem 2020. No total, são quase 100 redações nota 1000 compiladas e distribuídas gratuitamente por este projeto.

O objetivo é ampliar os horizontes de quem está treinando redação para o Enem e dar a chance de estudar textos diferentes, de pessoas diferentes, com escritas diferentes, que chegam à nota máxima da mesma forma; mostrar que não existe um só caminho certo, mas múltiplos; e valorizar o conhecimento adquirido como algo a ser compartilhado e democratizado (Felpi 2021: 1).

O *corpus* utilizado é composto, portanto, por esses 99 (noventa e nove) textos que alcançaram a nota mil: 31 (trinta e um) de 2018; 44 (quarenta e quatro) de 2019 e 24 (vinte e quatro) de 2020.

Cabe salientar ainda que a escolha por redações nota mil não ocorreu por terem sido textos que alcançaram a nota máxima, já que, em nossa análise, não seria esse um fator essencialmente relevante. Porém, as redações produzidas pelos participantes do ENEM não são divulgadas ao público por meio de um site oficial do Inep ou por outro meio de comunicação. Até mesmo a divulgação das redações que

recebem nota máxima é restrita, o que levou à organização de um material com tais textos pelos próprios alunos que receberam a nota mil, como mencionado anteriormente.

Assim, sendo a “Cartilha Redação a Mil” um material confiável, disponível gratuitamente na internet<sup>8</sup> e que reúne os textos que objetivávamos analisar, exploramos o material e coletamos as ocorrências de conectores de finalidade na proposta de intervenção.

A seguir, passamos à discussão sobre os resultados encontrados.

### 3. DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos os dados coletados do *corpus*, observando o uso linguístico a partir do arcabouço teórico da LFCU. Também observamos os possíveis contrastes entre as gramáticas normativas e as gramáticas para concursos investigadas e os resultados encontrados.

Como já sintetizamos na tabela 1, na subseção 2.1, a análise das 99 (noventa e nove) redações do *corpus* resultou na identificação de cinco *types* de valor final atuando como conectores, além das locuções conjuntivas prototípicas, como *para que* e *a fim de*. Os *types* **com o fito de (que) x** e **com o/no intuito de x**, com 12 (doze) e 10 (dez) ocorrências, respectivamente, foram os mais frequentes. Em seguida, **com o objetivo de x** e **com a finalidade de x** apresentaram 6 (seis) e 5 (cinco) dados, nesta ordem, e **com o propósito de (que) x** apresentou 2 (dois) dados. Todas as ocorrências eram oracionais, isto é, os conectores de valor final estavam encabeçando orações.

A seguir, vejamos os dados (1) e (2):

1) Portanto, faz-se imprescindível que a mídia - instrumento de ampla abrangência - informe a sociedade a respeito dessas doenças e sobre como conviver com pessoas portadoras, por meio de comerciais periódicos nas redes sociais e debates televisivos, a fim de formar cidadãos informados. Paralelamente, o Estado - principal promotor da harmonia social - deve promover a representatividade de pessoas com transtornos mentais nas artes, por intermédio de incentivos monetários para produzir obras sobre o tema, **com o fito de** amenizar o problema. Assim, o corpo civil será mais educado e os estigmas contra indivíduos com patologias mentais não serão uma realidade do Brasil. (Redação de Isabella Gadelha, 2020).

2) Depreende-se, portanto, a necessidade de se combater a manipulação do comportamento dos usuários pelo controle de dados na internet. Para tanto, cabe ao Ministério da Educação - ramo do Estado responsável pela

<sup>8</sup> <https://www.lucasfelpi.com.br/redamil>. Acesso em 19/03/2022.

formação civil — inserir, nas escolas, desde a tenra idade, a disciplina de Educação Digital, de cunho obrigatório em função da sua necessidade, além de difundir campanhas instrucionais, por meio das mídias de grande alcance, para que o sujeito aja corretamente segundo as próprias necessidades e escolhas. Ademais, o Governo Central deve impor sanções a empresas, em especial as virtuais, que criam perfis de usuários para influenciar suas condutas, por via da instauração de Secretarias planejadas para a atuação no ambiente digital, uma vez que tais plataformas padecem de fiscalizações efetivas, **com o fito de** minorar o controle de comportamentos por particulares. Quiçá, assim, tal hiato reverter-se-á, sobretudo na perspectiva tupiniquim, fazendo “jus”, deveras, àquilo que fora apregoadado pelo pensador francês Bourdieu. (Redação de David Klinsman, 2018).

Os dados (1) e (2) acima mostram o aparecimento de **com o fito de** articulando uma oração subordinada adverbial final em cada caso. Em (1), a oração matriz “o Estado - principal promotor da harmonia social – deve promover a representatividade de pessoas com transtornos mentais nas artes” mostra o agente e a ação da proposta de intervenção sugerida pela candidata. Em seguida, há um adjunto adverbial de meio, introduzido pela expressão “por intermédio de”, que é seguido por uma expressão de finalidade introduzida por “para”: “para produzir obras sobre o tema”. Por fim, há a expressão da finalidade por meio do conector **com o fito de**, revelando que o intuito de tudo que está sendo proposto é “amenizar o problema” discutido ao longo do texto. Ainda sobre esse dado, é interessante observar que, na proposta sugerida anteriormente pela estudante, no mesmo parágrafo, já tinha sido usado o conector “a fim de”, em “a fim de formar cidadãos informados”.

Em (2), o candidato sugere que “o Governo Central deve impor sanções a empresas” e, após detalhar o modo como se daria essa imposição e justificar tal ideia, ele sugere que tudo isso seria feito “**com o fito de** minorar o controle de comportamentos por particulares”. Assim como em (1), neste dado também foi possível identificar o aparecimento anterior de outro conector de finalidade, dessa vez, o “para que”, em “para que o sujeito aja corretamente segundo as próprias necessidades e escolhas”.

Com todos os demais *types* analisados isso foi comum, uma vez que o ambiente contextual da proposta de intervenção (sugerir que algum órgão faça algo com determinado objetivo social) favorece a articulação da ideia de finalidade. No entanto, no caso de **com o fito de**, essa coocorrência de conectores de valor final mostrou-se muito frequente, acontecendo em 10 (dez) dos 12 (doze) casos. Vale ressaltar que o conector de finalidade prototípico apareceu antes ou após o conector de valor final instanciado pelo subesquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub>.

É possível compreender esse fenômeno a partir das análises de Diessel (2019: 24). Segundo o autor, o uso linguístico é uma atividade cooperativa, a qual é guiada pela intenção comunicativa dos interlocutores. Para ele, há diferentes jeitos de expressar uma intenção comunicativa particular de dizer mais ou menos a mesma coisa, isto é, “construções alternativas que descrevem a mesma cena, palavras alternativas para designar a mesma entidade e pronúncias alternativas”<sup>9</sup> (Diessel 2019: p. 24).

Diessel (2019: 24) assevera que falar em alternância não significa falar em equivalência, ou seja, não se trata de expressões totalmente equivalentes, sinônimas, mas que se alternam entre si para expressar o mesmo efeito semântico de finalidade.

Para continuar analisando esse ponto, vejamos a seguir os dados encontrados com o conector **com o propósito de**:

3) Fica claro, portanto, que medidas são necessárias a fim de atenuar a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet. Logo, é imperativo que o Ministério da Educação, junto aos veículos midiáticos, mobilize-se por meio de palestras e campanhas sociais as quais atentem para a filtração virtual das informações. Isso ocorrerá **com o propósito de** aprimorar o senso crítico da população e, então, reduzir a influência das empresas globais sobre suas ações. Ademais, cabe ao Legislativo brasileiro propor leis de regulamentação **com o intuito de** promover a democracia nos meios de comunicação. A partir dessas intervenções, será possível que os brasileiros enxerguem o mundo sem os limites impostos por sua visão ou pela seleção de conteúdos na internet. (Redação de Maria Fernanda Brandão, 2018).

4) Portanto, cabe ao poder público intensificar os investimentos no acesso à produção cultural do país, sobretudo, ao cinema, mediante replanejamento orçamentário, que viabilize a destinação de mais verbas para a construção de cinemas nos municípios, **com o propósito de** que mais brasileiros possam usufruir dessa importante ferramenta para o lazer. Outrossim, as instituições de ensino, como as escolas e as universidades, devem promover a democratização do acesso ao cinema, por meio da exibição gratuita de filmes em, por exemplo, auditórios e quadras escolares em horários noturnos, **com o fito de que** todas as parcelas sociais possam ser atendidas. (Redação de Redação de Nayra Amorim, 2019).

Como se pode observar em (3) e (4), essa alternância ocorre não somente entre conectores prototípicos, previstos pelas gramáticas, e conectores instanciados pelo subesquema [Prep [det] N de]<sub>conect</sub>. A alternância pode se dar ainda entre dois conectores oriundos desse subesquema, no caso de (3) e (4), **com o propósito de** e **com o intuito de** e **com o propósito de** e **com o fito de (que)**, respectivamente.

<sup>9</sup> “[...] alternative constructions to describe the same scene [...], alternative words to designate the same entity [...] and alternative pronunciations” (Diessel 2019: 24).

Nos casos analisados, provavelmente, os usuários, ao perceberem que já utilizaram um determinado conectivo de valor final, optaram por utilizar uma construção alternativa com efeito semântico semelhante.

A esse respeito, vejamos o que diz Leite de Oliveira (2019: 69):

[...] cabe ressaltar que as categorias não são estanques, mas sim, pela própria natureza dos exemplares, gradientes. Se uma categoria é gradiente, supomos que as fronteiras entre construções distintas não são discretas e podem, em alguma medida a depender da construção, permitir certa neutralização de diferenças entre exemplares que ocorrem em determinados contextos, porque tais diferenças podem não ser totalmente claras, permitindo alguma intercambialidade entre construções. Em outras palavras, quando construções de formas diferentes em alguns contextos de uso específicos neutralizam aspectos semânticos e ou pragmáticos distintivos, elas podem ser armazenadas próximo uma da outra em escala gradiente.

Assim, o fato de serem formalmente distintas não impede que as expressões conectoras de finalidade (as prototípicas e as estabelecidas a partir do subsquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub>) em análise estejam próximas em termos semânticos e pragmáticos. Com base em uma concepção gradiente das categorias, é possível observar as aproximações e a viabilidade da alternância, tendo em vista a “neutralização” entre as construções, como apontado por Leite de Oliveira (2019).

Abaixo, vejamos os dados (5) e (6), com os conectores **com o objetivo de** e **com a finalidade de**:

5) Portanto, vistos os desafios que contribuem para o estigma associado aos transtornos mentais, é mister uma atuação governamental para combatê-los. Diante disso, o Ministério da Saúde deve intensificar a criação de atendimentos psiquiátricos públicos, **com o objetivo de** melhorar a saúde mental da população e garantir o seu direito. Para tal, é necessário um direcionamento de verbas para a contratação dos profissionais responsáveis pelo projeto, a fim de proporcionar uma assistência de qualidade para a sociedade. Além disso, o Ministério de Comunicações deve divulgar informações nas redes midiáticas sobre a importância do respeito às pessoas com doenças psicológicas e da identificação precoce desses quadros. Mediante a essas ações concretas, a realidade do filme O Coringa tão somente figurará nas telas dos cinemas. (Redação de Aline de Soares, 2020).

6) Fica exposta, portanto, a necessidade de medidas para mitigar o estigma associado aos transtornos psíquicos. Destarte, as Secretarias de Educação devem desenvolver projetos nas escolas, por meio de palestras e de dinâmicas educativas, levando médicos e pacientes para debaterem sobre o preconceito enfrentado no cotidiano, uma vez que o depoimento individual sensibiliza os estudantes, **com a finalidade de** ultrapassar estereótipos negativos. Outrossim, o Ministério da Saúde deve redistribuir as verbas, priorizando as áreas da psiquiatria e psicologia, direcionando maiores investimentos nesse setor negligenciado pelo Estado. Por fim, será possível criar um país mais democrático, afastando a realidade dos absurdos retratados na obra da escritora Daniela Arbex. (Redação de Maria Julia Passos, 2020).

A composicionalidade, propriedade que está relacionada diretamente ao grau de transparência entre o elo da forma e do significado, merece nossa atenção na análise dos *types* encontrados. Em um estágio avançado de construcionalização, a transparência na correspondência entre o significado das partes e a forma é baixa.

Ao observar casos como os verificados em (5) e (6), percebe-se uma composicionalidade intermediária. Em (5), os elementos que preenchem o *slot* (a preposição “com”, o determinante “o” e o nome “objetivo”), utilizados em outros contextos e em outras situações comunicativas de forma independente, sofrem neoanálise, ou seja, foram reinterpretados na língua. Em (6), o mesmo ocorre com a preposição “com”, o determinante “a” e o nome “finalidade”. É possível perceber, então, que todos os termos que compõem a construção perderam parte de sua composicionalidade para exercer a função conectora, articulando a ideia de finalidade/propósito.

No entanto, não se pode afirmar que estamos diante de um caso de grau máximo composicionalidade, pois ainda há uma certa transparência entre a forma, especialmente no que tange aos nomes “objetivo” e “finalidade”, como se observa em (5) e (6), assim como “intuito”, em (3), “propósito”, em (3) e (4), e “fito” em (1), (2) e (4), e o sentido de finalidade/propósito.

Para entender melhor, vejamos as definições apresentadas pelo Dicionário Priberam<sup>10</sup> para os nomes utilizados nos cinco *types* de finalidade identificados em nosso *corpus*:

**Fito:** Aquilo que se pretende atingir. = ALVO, FIM, INTENTO, MIRA.  
**“fito”**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/fito> [consultado em 23-03-2022].

**Intuito:** Intento, plano, escopo, fim.  
**“intuito”**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/intuito> [consultado em 23-03-2022].

**Objetivo:** aquilo que se pretende alcançar, conseguir ou atingir. = ALVO, FIM, META, PROPÓSITO.  
**“objetivo”**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/objetivo> [consultado em 23-03-2022].

**Finalidade:** Fim determinado.  
**“finalidade”**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/finalidade> [consultado em 23-03-2022].

<sup>10</sup> Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em 23 mar. 2022.

**Propósito:** Aquilo que se pretende alcançar ou realizar.=INTENTO, PROJETO, TENCÃO.Finalidade, fim, mira.  
**“propósito”**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/prop%C3%B3sito> [consultado em 23-03-2022].

Como se pode notar ao observar as definições apresentadas acima, todos os nomes selecionados para preencher o *slot* do subesquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub> possuem o sentido básico de “fim”, “intento”, “meta”. Assim, é possível observar que há uma considerável transparência entre a forma e o sentido.

Outro conceito que explica essa seleção de nomes com o mesmo sentido básico para o preenchimento do *slot* nas microconstruções de finalidade é a analogização. Segundo Traugott e Trousdale (2013: 36), trata-se de é um mecanismo ou processo de mudança que provoca correspondências de significado e forma que não existiam antes, tomando como base construções já existentes. Dessa forma, é possível hipotetizar que as microconstruções mais frequentes, a saber, **com o fito de** e **com o/no intuito de**, servem como base para a formação de outros conectores menos frequentes.

Nesta parte da discussão, passamos à análise da visão dos gramáticos investigados na seção de Revisão da Literatura, observando os pontos de diferença e semelhança em relação aos resultados obtidos na coleta de dados.

Bechara (2009: 390), ao tratar das orações subordinadas adverbiais finais, afirma que essas orações indicam “a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso” na oração principal. Como se pode notar, a definição do autor vai exatamente ao encontro do que encontramos nos dados e temos mostrado até aqui, já que as microconstruções expostas na tabela (1) atuam exatamente neste sentido: expressando o objetivo, a finalidade do que foi dito na oração principal.

Para entender melhor, vejamos os dados (7) e (8) a seguir:

7) Destarte, é mister a união entre a seara midiática e a sociedade **a fim de** mostrar a essencialidade da reeducação dos cidadãos para a eliminação dessa prática na sociedade. Para tanto, a mídia, em parceria com as instituições privadas, deve reformular os algoritmos presentes nos meios midiáticos, adotando formas mais abrangente de disponibilizar os conteúdos de forma integral nas mídias, **no intuito de** proporcionar uma maior variedade de opções aos indivíduos. Ademais, em sinergia com a sociedade, deve propor a discussão da temática mediante a criação de campanhas publicitárias e programa de debates, em busca de estimular o indivíduo a desenvolver o seu senso crítico e instigar a busca de conhecimento de forma mais completa. Só assim será possível evitar que casos, como da série “Black Mirror”, venham a ocorrer. (Redação de Ívina Araújo, 2018).

8) Portanto, atitudes para a reversão da problemática supracitada são necessárias. Para isso, a escola, com seu poder transformador, deve disponibilizar educação tecnológica, por meio de aulas de Filosofia e de Sociologia, as quais devem dar enfoque às problemáticas relacionadas aos meios de comunicação e às redes sociais, impulsionando a criação de senso crítico, **com o fito de** que cada indivíduo não permita o controle de suas preferências por empresas cibernéticas. Ademais, o Poder Público, demonstrando a coragem referida por Goethe, deve punir, corretamente, empresas que venderem dados de seus usuários, mediante aumento de penas e de multas, **para que** esse processo seja coibido. (Redação de Melissa Fiuza, 2018).

**No intuito de** e **com o fito de**, em (7) e (8), respectivamente, atuam justamente como conectores que expressam a finalidade do pensamento expresso na oração matriz. Em (7), “**no intuito de** proporcionar uma maior variedade de opções aos indivíduos” é a oração subordinada adverbial final que se articula à oração principal “a mídia [...] deve reformular os algoritmos presentes nos meios midiáticos”. Em (8), o mesmo ocorre com **com o fito de**, que inicia a oração adverbial final (“**com o fito de** que cada indivíduo não permita o controle de suas preferências por empresas cibernéticas”) que se articula à oração matriz “a escola [...] deve disponibilizar educação tecnológica”.

Todavia, a convergência entre a visão de Bechara (2009) e os dados analisados não se estende muito, já que o autor, assim como Rocha Lima (2011: 238) e Bezerra (2010: 359-360), destaca apenas as locuções conjuntivas “para que”, “a fim de”, “porque” e “que” (essas duas últimas no sentido de “para que”) como as que encabeçam orações subordinadas adverbiais finais. De forma ainda menos ampla, Cunha e Cintra (2006) apenas identificaram em um exemplo o uso de “para que”.

De fato, é possível observar a produtividade das locuções conjuntivas destacadas pelos gramáticos citados, especialmente “a fim de (que)”, aparecendo em 56 dados do nosso *corpus*, e “para (que)”, presente 53 vezes articulando orações finais na proposta de intervenção. Porém, apesar da maior produtividade das conjunções “a fim de (que)” e “para (que)”, não se pode ignorar que outras microconstruções são utilizadas rotineiramente para ensejar o valor de finalidade.

Em contraposição à abordagem dos gramáticos destacados acima, Pestana (2013: 679) identifica diversas locuções prepositivas com sentido de finalidade: “a fim de”, “de forma a”, “de maneira a”, “com o fim de”, “com o intuito de”, “com o fito de”, “com o intento de”, “com o escopo de”, “com a intenção de”, “com a finalidade de”, “com o propósito de”. Nessa lista, estão quatro das cinco microconstruções identificadas em nossos dados: **com o intuito de**, **com o fito de**, **com a**

**finalidade de e com o propósito de.** Apenas **com o objetivo de** não foi citado pelo autor.

A perspectiva de Pestana (2013) já deixa claro que associar a conexão de orações de valor final a uma reduzida lista de locuções conjuntivas não corresponde à realidade do uso linguístico do português atual, como mostram nossos dados neste presente estudo, assim como também demonstraram Rosário e Souza (2021), na análise de outro *corpus* com dados reais.

Rosenthal (2013), assim como Pestana (2013), também mostra que as possibilidades de expressão da finalidade na articulação de orações são muito mais amplas do que o que geralmente se elenca em outras gramáticas tradicionais e para concursos. Na abordagem do autor, chama a atenção especialmente a sugestão da troca do conectivo por “objetivo” para verificar se ele, de fato, enseja o valor de finalidade.

Para comprovar sua testagem, o autor mostra, por exemplo, a troca de “a fim de que” por “com o objetivo de que” em: “João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso” (Rosenthal 2013: 194).

A seguir, vamos observar essa possibilidade em um de nossos dados:

9) Portanto, cabe ao Governo investir em projetos que facilitem o acesso ao cinema, principalmente nas regiões interioranas, por intermédio do auxílio financeiro a empresas exibidoras, **a fim de** descentralizar os locais em que há transmissões de filmes. Outrossim, compete às ONGs, como organizações que visam suprir as necessidades populacionais, realizar campanhas em prol de salas bem estruturadas e de reduções do preço cobrado pelos ingressos das sessões cinematográficas, por meio das redes sociais e dos outros veículos de comunicação, **com o objetivo de** democratizar a ida ao cinema e de, dessa maneira, afastar-se da realidade narrada no filme “Cine Hollyúde”. (Redação de Gustavo Lopes, 2019).

9’) Portanto, cabe ao Governo investir em projetos que facilitem o acesso ao cinema, principalmente nas regiões interioranas, por intermédio do auxílio financeiro a empresas exibidoras, **com o objetivo de** descentralizar os locais em que há transmissões de filmes. Outrossim, compete às ONGs, como organizações que visam suprir as necessidades populacionais, realizar campanhas em prol de salas bem estruturadas e de reduções do preço cobrado pelos ingressos das sessões cinematográficas, por meio das redes sociais e dos outros veículos de comunicação, **com o objetivo de** democratizar a ida ao cinema e de, dessa maneira, afastar-se da realidade narrada no filme “Cine Hollyúde”. (adaptação nossa).

O dado (9) revela duas ocorrências de conectores de finalidade para expressar o efeito pretendido pelo candidato nas duas propostas de intervenção que elabora: “a fim de”, na primeira sugestão, e “com o objetivo de”, na segunda. Seguindo o que foi

dito por Rosenthal (2013), é possível notar a aplicabilidade da possibilidade de substituição em (9'), uma vez que o sentido de finalidade seria mantido se trocássemos “a fim de” por “com o objetivo de” no primeiro caso.

Assim, tendo contrastado as visões dos gramáticos analisados com os dados coletados e a perspectiva da LFCU, finalizamos esta seção. A seguir, passamos às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos traçar, sob a perspectiva da LFCU, um estudo dos conectores de finalidade não canônicos no âmbito da articulação de orações. Ao analisar as propostas de intervenção de redações nota mil no Enem dos anos de 2018, 2019 e 2020, foi possível demonstrar a produtividade de conectores de finalidade instanciados pelo subesquema [Prep [det] N de]<sub>connect</sub>.

Além disso, observamos que não havia correspondência entre o que dizem alguns dos principais gramáticos tradicionais que analisam o português e alguns autores de gramáticas para concursos brasileiros. Neste último grupo, no entanto, foi possível identificar algumas abordagens que se alinham à perspectiva funcionalista, porque, a seu modo, consideram as possibilidades de uso linguístico. Dessa maneira, estavam mais alinhados com os nossos resultados.

Assim, concluímos que o uso linguístico do português contemporâneo possibilita a articulação de orações de valor de final por meio de uma ampla gama de possibilidades, que não exclui os conectores canônicos reconhecidos por autores normativos como “a fim de (que)” e “para (que)”, por exemplo, mas também abarca diversos outros conectores, como **com o fito de (que)**, **com o/no intuito de**, **com o objetivo de**, **com a finalidade de** e **com o propósito de**.

## REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro José Siqueira. *A nomenclatura gramatical brasileira interpretada, definida, comentada e exemplificada*. 1999. 112 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. E-book.

BEZERRA, Rodrigo. *Nova gramática da língua portuguesa para concursos*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2010.

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2020: cartilha do participante*. Brasília, DF: INEP, 2020.
- BYBEE, Joan. *Language Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIESSEL, Holger. Cognitive Processes and Language Use. In: DIESSEL, H. *The Grammar Network. How linguistic structure is shaped by language use*. New York: Cambridge University Press, 2019.
- FELPI, Lucas. (Org.) *Cartilha Redação a Mil 1.0*. 2019. Disponível em: <https://www.lucasfelpi.com.br/redamil>. Acesso em 19 de mar. de 2022. E-book.
- FELPI, Lucas. (Org.) *Cartilha Redação a Mil 2.0*. 2020. Disponível em: <https://www.lucasfelpi.com.br/redamil>. Acesso em: 19 de mar. de 2022. E-book.
- FELPI, Lucas. (Org.) *Cartilha Redação a Mil 3.0*. 2020. Disponível em: <https://www.lucasfelpi.com.br/redamil>. Acesso em: 19 de mar. de 2022. E-book.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MATERLOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, Theoretical Prerequisites, Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEITE DE OLIVEIRA, Diogo. O tratamento da variação em gramática de construções baseada no uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 62-82, 2019.
- MACHADO, Marcello Martins. *Do espaço-tempo ao contraste, à condição e à finalidade: uma análise funcional do conector hipotático antes de*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2022.
- NOVO, Idrissa Ribeiro. *Análise funcional das microconstruções conectoras substitutivas em lugar de, em vez de e ao invés de: um estudo panorâmico*. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2020.
- PESTANA, Fernando. *A gramática para concursos públicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSENTHAL, Marcelo. *Gramática para concursos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; NOVO, Idrissa Ribeiro. Análise funcional dos conectores ‘em vez de’ e ‘ao invés de’ no português brasileiro contemporâneo. In: *Revista Linguística*, [S.l.], v. 14, n. 1, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SANTOS, Milena Silva. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. In: *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 18, n. 1, 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa.; SOUZA, Brenda da Silva. Análise dos conectores COM O OBJETIVO DE e COM O INTUITO DE à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.l.], dez. 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Artigo recebido em 06 de julho de 2022.

Artigo aceito para publicação em 01 de setembro de 2022.